

crises do século

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 10 • 2010

Nota de Apresentação

Maria Manuela Tavares Ribeiro

Se a “teoria da decadência”, formulada desde os princípios do século XIX pela primeira geração liberal, alimentou a ideia optimista de “regeneração”, acabou também por fomentar, no final do século, a persistência de uma “consciência” ou de um “sentimento de crise”, como algo que se prolonga, numa lógica pessimista de auto-flagelação nacional. Quantas vezes se associa à noção de crise o sentimento da *inevitabilidade da crise*! E se a noção de crise teve, até ao século XIX, o significado de algo ocasional, conjuntural, de variação provocada pela própria variabilidade dos factores, em Oitocentos acabou por lhe ser dada uma acepção estrutural.

“Crise” traduz-se numa conjuntura mais ou menos ampla de transição entre épocas históricas diferenciadas. Assim sendo, «pode erigir-se em baliza de periodização histórica». E a multiplicação de crises pode dar lugar à construção de um *habitus* nacional. Há situações de perturbação de uma ordem que tiveram frequentemente origem externa, dir-se-á mesmo de carácter internacional, que determinaram situações próprias na realidade nacional.

Os anos 90 do século XIX foram, para vários historiadores e ideólogos, um momento de viragem em que se registavam já marcas e sinais bem visíveis de desestruturação de um regime de constitucionalismo monárquico. Nessas décadas finiseculares do século XIX ocorrem mudanças em Portugal e registam-se opções a vários níveis que deixariam marcas profundas na consciência nacional. Com o republicanismo renova-se o sentimento de esperança de ultrapassagem da crise, numa ideia de revolução, mas também, em certos casos, de nacionalismo renovador. Mas a “crise nacional” vivida nos anos 20 do século passado provocaria a reflexão sobre o destino histórico português, vindo ao de cima, outra vez, a “consciência de crise”. Período que também no quadro institucional suscitou a inquietação mental estimulada pelas crises vividas intensamente em toda a Europa e no mundo.

E algo de idêntico se passou em 1974, depois de quarenta anos de regime autoritário, que foi acompanhando as diversas crises mundiais e que foram frequentemente utilizadas para justificar a necessidade de um “Estado forte”. No “25 de Abril” sobreveio a ideia optimista da democracia. Mas, reflectindo igualmente as crises que surgiram no fim do século XX e inícios deste século XXI, mergulhou-se de novo numa consciência de crise profunda. Foi ela afinal que inspirou o tema desta revista.

Em que medida a crise atinge os fundamentos do sistema, pondo em causa a própria natureza da organização social e política? Poder-se-á indagar, pois, em que medida a “crise” assume a dimensão de “consciência da crise”. O mesmo é questionar sobre as fracturas no plano político, social, económico, ideológico-cultural e como, nesse percurso que conduz à crise, se procuram e se detectam processos estruturantes que tendem para a sua superação.

Neste volume, ensaiam os autores problematizar o conceito de crise, perseguir os caminhos das crises para compreender a sua complexidade em momentos diversos da vida nacional e internacional da Época Contemporânea. Os artigos compulsados neste volume reflectem, em diferentes análises e em quadros conjunturais diversos, sobre várias questões: *Crise(s) – noções e conceitos; Crise e Crítica; Crise, Decadência e Regeneração; Crise ou renovação do republicanismo?*. Permitem-nos, assim, ter uma visão plurifacetada, pois constituem momentos de reinterpretação e de reactualização e remetem-nos para uma persistente e contínua preocupação de problematizar sobre as *Crises do Século*.

Um obrigada muito sentido, pela inestimável colaboração, à Dr.^a Isabel Maria Luciano e à Dr.^a Marlene Taveira, cujo empenho e profissionalismo são de referência sempre obrigatória nas páginas desta revista. Um agradecimento é devido também à D. Ângela Lopes, pelo seu sempre atento desempenho administrativo em prol desta publicação.

Aos Autores devemos muito ou quase tudo, dado que eles são a razão da existência de mais este volume da nossa revista *Estudos do Século XX*.

Maria Manuela Tavares Ribeiro